

Mais uma obra “esquecida” do Governo da República

Cais NATO do porto de Ponta Delgada está parcialmente inoperacional

O chamado “cais Nato”, do porto de Ponta Delgada, está parcialmente inoperacional há meses.

A obra de repavimentação daquele troço do porto está dependente do Ministério da Defesa, que nunca abriu concurso, apesar da despesa já ter sido autorizada pela NATO

As obras de repavimentação do porto colocaram o piso à cota 3,5, pelo que há uma rampa de cerca de 50 cm para o cais NATO, o que dificulta e em alguns casos impossibilita a movimentação de máquinas, como as gruas, por exemplo.

Refira-se que uma das últimas avarias verificadas numa das gruas (a que agora está operacional) foi a quebra de um eixo ao passar no referido desnível/rampa.

A inoperacionalidade parcial do cais NATO está a criar mais uma dificuldade/ limitação na normal operação do principal porto dos Açores .

Ministério da Defesa não explica

O cais NATO era utilizado pela generalidade dos navios, incluindo de cruzeiros, apesar da prioridade ser sempre para a marinha de países da NATO.

Segundo apuramos o atraso deve-se



ao ministério da Defesa do Governo da República.

O Diário dos Açores contactou no início da semana com o Ministério da defesa a pedir uma explicação, que o respectivo assessor de imprensa prometeu enviar, mas até ontem o nosso jornal não recebeu qualquer comunicação.

Obra de 2017

Recorde-se que o Governo da República aprovou em Abril de 2017, em Conselho de Ministros, o lançamento de um concurso público para as obras

de reparação do Cais Depósito POL NATO em Ponta Delgada.

Segundo o comunicado de então, as obras eram integralmente suportadas pela NATO, que “aceitou um pedido de financiamento a 100% apresentado por Portugal”.

Esta instalação militar integra o inventário das infraestruturas da NATO.

“Esta é a única infraestrutura dotada de condições para o reabastecimento de navios e submarinos militares entre o oeste e este do oceano Atlântico, tendo sofrido relevantes danos nos últimos anos”, adiantava o Governo

da República no comunicado de Abril de 2017.

De acordo com o Executivo liderado pelo socialista António Costa, as obras previstas no Cais Depósito POL NATO, na ilha de São Miguel, irão “restabelecer as condições de segurança e operacionalidade”.

No início de Março, o Secretário dos Transportes e Obras Públicas dos Açores pediu ao Ministro da Defesa celeridade no processo de reabilitação do cais POL NATO, em Ponta Delgada, para que se possa avançar com a segunda fase de recuperação deste porto.

“O Ministro da Defesa acolheu muito bem a nossa pretensão de lançamento da empreitada no porto de Ponta Delgada, na zona do cais NATO, comprometendo-se a enviar, hoje ou na Quinta-feira, toda a informação para o gabinete do Primeiro-ministro para este autorizar a despesa e se proceder ao lançamento do respectivo concurso público”, disse na altura o então Secretário Regional açoriano, Vítor Fraga.

O governante açoriano considerou fundamental a autorização do Governo da República para que se possa “conciliar com a empreitada” que a empresa pública Portos dos Açores vai levar a cabo no porto de Ponta Delgada.

11 ranchos de romeiros saem hoje à rua

Os primeiros 11 ranchos de romeiros, dos 55 previstos, saem esta madrugada para as estradas de S. Miguel.

“É com uma imensa alegria que retomamos as nossas actividades normais e também com muita alegria que vemos ser possível que a Ilha de São Miguel se transforme num Santuário a Céu aberto” disse ao Igreja Açores o responsável pelo Movimento Romeiros de São Miguel, João Carlos Leite.

“O que acontece em São Miguel na Quaresma é inenarrável: não é só a caminhada, mas a envolvimento de todos, das comunidades seja no clima de oração seja no acolhimento” refere o dirigente que salienta a vontade de todos em regressarem “ao caminho”.

A grande incógnita é saber se vai ou não haver número suficiente de romeiros para que cada um dos 55 ranchos possa sair.

Habitualmente, cada rancho tem em média 40 a 50 homens, “há uns que têm mais outros menos”, mas “não é bom ter menos de 20” e com a pandemia, “não sabemos se há irmãos que ainda poderão sair por causa da idade”.

“Muitos dos irmãos já não o pode-



rão fazer por causa da idade- todos os anos temos romeiros que por causa da idade e da saúde completam a última romaria- e devem estar muito sentidos porque não puderam realizar a ‘última romaria’, com estes quase três anos de interregno”, destacou João Carlos Leite.

“Não terem existido romarias durante 3 anos fez com que muitos jovens perdessem de vista esta experiência e, por isso, não sabemos se este ano vamos ter muitas crianças e jovens” referiu em entrevista ao Igreja Açores.

As crianças ocupam a ‘liderança’, por assim dizer do rancho, caminhando à frente dos mais velhos, carregando a Cruz. Por outro lado, há a questão

das pernoitas.

“Há muitas famílias que já não podem receber romeiros e por isso fica o desafio aos casais mais novos para que possam fazer essa experiência, que é uma verdadeira teologia de afectos” refere o responsável dos Romeiros de São Miguel.

A questão das dormidas, ou pernoitas, é fundamental na caminhada dos romeiros. À boa maneira dos discípulos, estes homens munidos de um bordão, de alforge às costas, vestindo um xaile e um lenço, caminham do nascer ao por do sol sem saber onde vão reclinar a cabeça na noite seguinte, confiando na caridade das famílias e das comunidades.

“A pernoita em casa de família é sempre importante, mas quando não existe essa possibilidade contamos com a ajuda das juntas de freguesia, dos salões paroquiais e até de clubes desportivos que já nos cederam instalações para tomarmos um banho que é absolutamente reparador para a caminhada”, refere ainda João Carlos Leite salientando a força deste movimento de homens que congrega tantas boas-vontades ao longo do caminho.

Aos ranchos locais juntam-se dois

da diáspora, vindos de Toronto, mas congregando “irmãos” dos Estados Unidos e da Bermuda. Apesar da existência destes dois grupos, “há ainda muitos emigrantes que se juntam aos ranchos das suas freguesias de origem, até como forma de ligação à terra”.

Apelo à segurança

Neste período há, ainda, o apelo à segurança, dos romeiros e dos automobilistas.

O pedido não é novo, mas é sempre renovado nesta altura em que andam tantas pessoas na estrada.

A partir do segundo Domingo da Quaresma até à Quinta-feira santa, de forma muito particular, intensificar-se-á o número de pessoas a pé nas estradas. Pelo menos 22 ranchos estarão ao mesmo tempo nas estradas da ilha, para além dos grupos de senhoras, que por um dia fazem a sua romaria.

As romarias quaresmais completam este ano 500 anos e nos últimos três, por causa dos constrangimentos sanitários impostos pela pandemia, não saíram. Dos 55 ranchos apenas saíram 21 em 2020. Desde então não há Romarias.